

A imigração brasileira na América do Norte*

Franklin Goza**

Em relação a dados coletados junto a imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, significativamente mais brasileiros no Canadá pretendiam permanecer para sempre nesse país e eventualmente conseguir a cidadania.

O Canadá e os Estados Unidos são países fundados por imigrantes. Suas histórias, relativamente breves, registram várias e sucessivas ondas de imigrantes que chegaram às suas costas e aeroportos. As origens desses estrangeiros incluem virtualmente cada esquina do globo.

Este estudo examina um novo grupo de migrantes para a América do Norte, os brasileiros. Sua ainda modesta participação no total de imigrantes torna-o quase invisível e, portanto, pouco notado pelos governantes, demógrafos e imprensa popular. No entanto, atualmente, a magnitude desse movimento humano e a possibilidade de que muitos desses visitantes permaneçam por períodos prolongados e venham a se engajar em atividades remuneradas fazem com que esse grupo de imigrantes mereça análise acadêmica. É neste sentido que o presente trabalho documenta a crescente importância dos

brasileiros entre a onda mais recente de migrantes para a América do Norte. Também é apresentada aqui uma discussão sobre as causas desse movimento, bem como uma comparação dos fluxos de migrantes para os E.U.A. e o Canadá, com particular atenção às experiências de adaptação dos brasileiros nesses novos ambientes.

Histórico

É grande o número de brasileiros que emigraram para o Canadá (Paoletti, 1987) e os E.U.A. (Goza & Luse, 1992) nos últimos anos. Porém, menos de dez anos atrás, a contribuição brasileira ao total de imigrantes nesses dois países foi muito pequena. Vale, pois, fazermos uma revisão das recentes condições sócio-econômicas observadas no Brasil, principais responsáveis pelo desenvolvi-

* Trabalho apresentado no VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, promovido pela ABEP, out. 92.

** Professor do Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Bowling Green, Ohio, Estados Unidos.

mento e expansão desses fluxos de imigrantes, antes de examinarmos o crescimento desses movimentos pela América do Norte.

A crise econômica brasileira

De 1940 a 1980, a economia brasileira cresceu à taxa média de 7% ao ano e o Produto Nacional Bruto (PNB) real per capita experimentou um aumento anual de aproximadamente 4%, um dos mais altos registrados no mundo no período (Economist, 1991). Poucos imaginariam que o maior país da América do Sul, em condições tão favoráveis, conheceria um êxodo maciço de emigrantes à procura de melhores oportunidades em outros lugares.

Antes da crise dos anos 80 e durante os anos do "milagre econômico", muitos brasileiros conheceram a América do Norte, em particular os E.U.A., como turistas, visitando locais como Disneyworld e Nova York. Em meados da década de 80, quando a economia brasileira começou a experimentar uma queda da qual ainda não se recuperou, este fluxo migratório passou por várias transformações significativas.

A primeira e mais importante modificação em relação ao fluxo migratório anterior pôde ser observada pelo drástico crescimento do número absoluto de saídas de brasileiros para a América do Norte. Os anos de crise, em meados da década de 80, acarretaram consideráveis perdas de posição para a classe média no Brasil. A incapacidade dos líderes brasileiros de enfrentar adequadamente a crise, ao plano macro, significou, para a classe média, a necessidade de tomar importantes decisões, de caráter doméstico, numa tentativa de buscar soluções para a situação. Como procuramos mostrar neste estudo, as dificuldades geradas pela crise e a necessidade de solucioná-las domesticamente influenciaram de modo terminante

a decisão de se empreender uma longa viagem internacional em busca de melhores condições de vida. Entre os pontos considerados pelos imigrantes potenciais, incluíam-se decisões sobre os países e cidades de destino, tempo de permanência, bem como a escolha dos membros da família que deveriam emigrar. Como demonstramos a seguir, muitos brasileiros decidiram emigrar para a América do Norte.

Uma segunda transformação significativa diz respeito à natureza das viagens dos brasileiros para a América do Norte. Até 1980, a maioria dos brasileiros que lá chegaram era turista. Porém, durante a última metade da década, cada vez mais os brasileiros emigraram para a América do Norte, principalmente com a intenção de procurar emprego remunerado e condições sociais mais estáveis do que as vigentes no Brasil.

Emigração brasileira para o Canadá

Dados recentes sobre a imigração canadense sugerem que a contribuição relativa dos latino-americanos ao fluxo total de imigrantes no Canadá vem aumentando (EIC, 1989). Por exemplo, uma análise nos dados da imigração canadense durante os anos 80 indica que a contribuição da América Latina ao total de imigrantes no país cresceu de 9% em 1980 para 14% em 1988. Em termos absolutos, isto significa aumento de 13.600 em 1980 para 22.274 em 1988, representando um crescimento de mais de 63% durante este período de oito anos (EIC, 1989). Mais recentemente, de 1988 a 1989, houve acréscimo significativo do número de vistos, tipo visitante, concedidos a latino-americanos. Nesse período de um ano, o número de vistos temporários concedidos a este grupo de imigrantes aumentou de 70.000 para 96.000 (EIC, 1990, p. 41). Do mesmo modo, de 1988 a 1989 o número de autorizações de emprego

concedidas a latino-americanos cresceu de 10.712 para 15.568, um aumento de quase 50% (EIC, 1990: 41).

É um pouco mais difícil distinguir a porção brasileira do total de imigrantes no Canadá, pois as publicações oficiais canadenses muitas vezes somam o número de imigrantes brasileiros ao de outros países da América Latina, também pouco significantes no total, tornando impossível extrair-se o número de brasileiros dessas estatísticas. Dados de fontes jornalísticas (e.g., Paoletti, 1987) indicam que, somente em Toronto, o número de brasileiros ultrapassa a casa dos 30.000, diferentemente de estatísticas oficiais, que em geral estimam o tamanho dessa população em números bem inferiores. Embora sejam desconhecidas as dimensões exatas dessa minoria étnica, principalmente pelo fato de parte desse grupo estar residindo clandestinamente no país, minha pesquisa com Hakkert (1989), bem como de outros estudiosos do assunto (veja Simmons, 1990, para uma documentação sobre o crescimento de emigração contemporânea da América Latina para o Canadá), indica que este fluxo migratório tem crescido muito nos anos recentes, como consequência da situação econômica adversa vigente no Brasil.

Até 1987, os visitantes brasileiros que viajavam para o Canadá não precisavam de visto para entrar no país, apenas do passaporte. Por isso, e por causa das exigências criadas para a obtenção de um visto de entrada nos E.U.A., além da crescente dificuldade de se encontrar um emprego no país, muitos migrantes passaram a considerar mais fácil a migração para o Canadá. Esta opção também foi reforçada por rumores, largamente difundidos, de que um estrangeiro poderia entrar facilmente naquele país e obter, sem dificuldades, um emprego muito bem remunerado. Além disso, comentava-se que no Canadá o imigrante estaria livre da discriminação que freqüentemente encontrava

nos E.U.A. Todos esses fatores estimularam um movimento significativo de migrantes para o país mais setentrional da América do Norte.

Paoletti (1987) relatou que no período de 1986 a 1987 mais de 10.000 brasileiros voaram diretamente do Brasil para Toronto, sendo que a maioria se constituía de grupos turísticos que viajavam com passagens de ida e volta. Porém, revelou que muitos desses vôos retornaram ao Brasil sem a maior parte dos passageiros, o que o levou a supor que o objetivo principal dessas viagens tenha sido simplesmente o de entrar em um país que oferecesse melhores oportunidades sócio-econômicas do que o Brasil.

Em meados de 1987, os oficiais da imigração canadense, ao perceberem esse movimento maciço de "turistas" brasileiros, passaram a submetê-los cada vez mais a severos interrogatórios antes de entrarem no país. Do mesmo modo, as pessoas que não portassem uma quantia considerada suficiente eram logo devolvidas para seu país de origem. Ainda nessa época, surgiu um novo complicador. Muitos dos recém-chegados não satisfaziam as exigências econômicas estabelecidas como pré-requisito para a entrada no Canadá. Porém, sabia-se no Brasil qual o teor da decisão tomada pelo Supremo Tribunal canadense, em 1985, acerca do status de refugiado. O parecer determinava que os pretendentes ao ingresso no país na condição de refugiados não poderiam ser expulsos sem antes terem o direito a uma audiência para apresentar suas reivindicações. Estabelecia ainda que, enquanto aguardassem a definição de seu status, poderiam trabalhar no Canadá, beneficiando-se do seguro nacional de saúde quando necessário (1). Além disso, a possibilidade de recorrer à instância superior contra as decisões desfavoráveis permitia que uma pessoa permanecesse no Canadá por vários anos, até esgotar todas as chances de apelação. Como resultado, crescia o

número de brasileiros que, chegando ao aeroporto de Toronto, requeriam o status de refugiado. Mais de 50% dos brasileiros entrevistados nesta pesquisa aguardavam uma decisão sobre seu caso.

Ainda nesse período, talvez como consequência da crescente entrada de brasileiros no Canadá, criaram-se exigências específicas para os brasileiros. Ademais, os requisitos para emissão de um visto de entrada no país tornaram-se

tuíam um grupo de imigrantes quase desconhecido, com pouca chance de expansão, dado o crescimento excepcional da economia brasileira durante os últimos anos da década de 60 e os primeiros da de 70.

De acordo com o censo americano de 1980 (Tabela 1), do total de brasileiros que imigraram entre 1965 e 1980, 67% eram homens e 65% mulheres. O aumento da emigração de brasileiros

Tabela 1
Imigração Brasileira por Sexo, nos E.U.A.

Ano de Imigração	Total	Em porcentagem	
		Homens	Mulheres
Antes de 1950	11,9	13,0	11,1
1950 a 1959	9,8	8,9	10,6
1960 a 1964	12,0	10,9	12,9
1965 a 1969	19,8	18,8	20,2
1970 a 1974	17,5	16,8	18,0
1975 a 1980	29,1	31,6	27,2
Total	100,0	100,0	100,0

FONTE: U. S. Bureau of the Census 1980 five percent Public Use Sample.

muito rigorosos. Daquela época em diante, aparentemente, diminuiu a emigração de brasileiros para o Canadá, porém, como demonstrado a seguir, a entrada pelos caminhos legais cedeu lugar a outros modos de ingresso no país.

Emigração brasileira para os Estados Unidos

Os dados sobre a entrada de imigrantes brasileiros nos E.U.A. são um pouco mais detalhados do que no caso canadense. Segundo o censo americano de 1980, pouco mais de 50.000 brasileiros moravam nos E.U.A. naquele período (Goza & Simonik, 1992) (2), representando apenas 0,3% de todos os estrangeiros residentes no país (Portes & Rumbaut, 1990: 228-229). Naquela época esses recém-chegados consti-

tuíram um grupo de imigrantes quase desconhecido, com pouca chance de expansão, dado o crescimento excepcional da economia brasileira durante os últimos anos da década de 60 e os primeiros da de 70.

De acordo com o censo americano de 1980 (Tabela 1), do total de brasileiros que imigraram entre 1965 e 1980, 67% eram homens e 65% mulheres. O aumento da emigração de brasileiros para os E.U.A. verificado nesse período e os que se sucederam resultaram da Lei de Imigração e Naturalização, que abriu as portas do país a imigrantes da América do Sul, assim como, pela primeira vez, para imigrantes vindos de outras regiões até então restringidas. O período de 1975 a 1980 testemunhou o maior movimento migratório de brasileiros para os E.U.A., época em que entraram no país 32% de todos os homens e 27% de todas as mulheres brasileiras ali residentes.

A contribuição do Brasil ao total de imigrantes nos E.U.A. começou a crescer a partir da crise econômica brasileira da década de 80. Mais especificamente, dados do Departamento de Estado dos E.U.A. (1991) mostram que, em 1981, 115.609 brasileiros receberam vistos do tipo não-imigrante. Este número representava apenas 1,6% do total de vistos

desse tipo emitidos para pessoas de todas as nacionalidades, colocando o Brasil no 10º lugar entre os países que receberam permissão para entrar nos E.U.A. Embora tenham sido observadas algumas flutuações no período 1982-1990, a tendência geral era de aumento do número de vistos de não-imigrantes emitidos para brasileiros. Em 1990, o número total desses vistos cresceu o suficiente para colocar o Brasil no 4º lugar. Além disso, embora o número total emitido na década de 1980 tenha caído mais de 1,1 milhão, o total brasileiro no mesmo período aumentou em quase 100.000.

Metodologia

As comparações e os contrastes das experiências de imigração de brasileiros no Canadá e nos E.U.A., aqui realizados, baseiam-se em informações coletadas junto a brasileiros residentes em Toronto, Ontario e *Cidade Congelada* (pseudônimo de uma localidade ao Norte dos E.U.A.). Embora seja impossível determinar o número exato de brasileiros residentes em uma ou outra dessas áreas, estimamos, em agosto de 1991, a existência de, no mínimo, 5.000 morando em Toronto. Esta estimativa foi feita com base em listas de remetentes de várias firmas responsáveis pela remessa de encomendas enviadas por brasileiros residentes no Canadá para familiares e amigos que ficaram no Brasil. De modo semelhante, estimamos que, em agosto de 1990, entre a população total de 80.000 habitantes da *Cidade Congelada*, havia aproximadamente 5.000 brasileiros.

Vale lembrar que o Censo canadense de 1991 omitiu 44% dos brasileiros entrevistados, o mesmo ocorrendo com o Censo americano de 1990, que não registrou, na *Cidade Congelada*, 56% dos imigrantes brasileiros. Estes números não devem surpreender, dado

o status legal de muitas dessas pessoas, questão que será examinada a seguir. Por este motivo, acreditamos que os totais oficiais dos brasileiros presentes nos dois países chegaram bem abaixo dos seus números reais. Para corrigir estas deficiências e elaborar um quadro mais detalhado e realista desses grupos de imigrantes foi necessário coletar dados primários. Há certo consenso entre os analistas de migração de que este é o melhor procedimento para a análise de fluxos migratórios (Goldstein & Goldstein, 1981). Acreditamos que a coleta de tais dados torna-se ainda mais importante quando a população estudada apresenta alta proporção de imigrantes sem documentação legal de imigração.

O trabalho de campo para a execução deste projeto teve início em janeiro de 1989, a partir de um estudo feito em Governador Valadares, município do Estado de Minas Gerais, conhecido por suas altas taxas de emigração, especialmente para os E.U.A. Foram visitados 450 domicílios com uma amostra aleatória estratificada. Mais de 71% desses domicílios declararam ter parentes ou amigos morando no exterior. Após as tabulações dos endereços fornecidos pelos entrevistados, verificou-se que Toronto e a *Cidade Congelada* foram dois dos destinos preferidos por este fluxo de imigrantes. Mais tarde, a pesquisa continuou com os próprios imigrantes em seus pontos de destino.

Os dados primários apresentados neste trabalho foram coletados na *Cidade Congelada*, entre agosto e dezembro de 1990, e em Toronto, no período de agosto a dezembro de 1991. Cada amostra contém dados sobre 195 residentes brasileiros que então moravam nessas cidades (3). Os primeiros imigrantes a serem entrevistados foram localizados graças aos endereços fornecidos por seus parentes, também anteriormente entrevistados no Brasil. Em seguida, utilizamos a técnica de amostragem bola-de-neve para localizar os

outros imigrantes necessários para alcançar o tamanho de amostra desejado. Por causa da natureza não-probabilística do marco amostral utilizado neste estudo — o que sempre ocorre quando se trabalha com uma população sem as credenciais adequadas de imigração — não seria conveniente generalizar a outros imigrantes brasileiros morando fora dos nossos marcos amostrais. Além disso, os dados utilizados aqui representam aproximadamente 4% da população brasileira estimada nas duas cidades, o que nos leva a supor que estes resultados são altamente sugestivos quanto às tendências e padrões gerais entre esses imigrantes.

Para a realização deste estudo foram criados instrumentos específicos de coleta de dados, visando obter dos imigrantes informações sobre várias etapas de seu ciclo de vida. Assim, o enfoque privilegiou as variáveis sócio-demográficas básicas: emprego e atividades escolares dos entrevistados antes da emigração, status sócio-econômico dos pais do imigrante, adaptação social e lingüística no país de destino, redes migratórias, a experiência da viagem internacional, premissas, e planos para o futuro. O questionário, cuja aplicação levou um tempo médio de 40 minutos, incluiu também uma matriz detalhada sobre as experiências de trabalho dos imigrantes na América do Norte. No entanto, devido a limitações de espaço, não discutiremos neste trabalho algumas dessas medidas.

Numa tentativa de reduzir possíveis vieses decorrentes de erros por parte do entrevistador, o que poderia facilmente ocorrer nos casos de situação legal irregular do entrevistado, um grupo de quatro imigrantes brasileiros foi contratado e treinado para atuar como entrevistadores em cada ponto de destino. Todos possuíam, no mínimo, curso superior completo e experiência nesta função, uma vez que já haviam trabalhado anteriormente como entrevistadores em

outros projetos de pesquisa. Acreditamos que, pelo fato de os entrevistadores terem conhecimento da situação de emprego nas comunidades estudadas, bem como de pertencerem ao mesmo grupo étnico, os dados coletados apresentem, relativamente, poucos problemas de mensuração ou vieses decorrentes de aplicação inadequada dos questionários.

Os Imigrantes

Histórico sócio-econômico

As duas amostras estudadas incluem 283 homens e 107 mulheres, com idades entre 18 e 67 anos. Data de 1971 o primeiro caso de imigração brasileira para o Canadá, processo que se repetiu nos primeiros anos da década de 70. Mas a maioria dos imigrantes brasileiros residentes naquele país chegou no final da década de 80. O ano em que se verificou o maior número de entradas de imigrantes de ambos os sexos foi 1987: 60% dos homens e 40% das mulheres. Dos homens entrevistados, 11% chegaram em 1988, seguidos por outros 11% em 1990. Mais de 21% das mulheres entraram no país em 1990, enquanto 1989 registrou o terceiro maior volume de entradas, com 12% do total.

História bastante semelhante ocorreu com o fluxo de brasileiros que se dirigiu para os E.U.A. Embora o primeiro imigrante brasileiro tenha entrado neste país em 1954, seguido por muitos outros em meados da década de 1960, a maioria emigrou durante os últimos anos da década de 1980, como se deu também no caso canadense. O ano em que se verificou o maior volume de entradas de homens e mulheres foi 1989, seguido de 1988, para os homens, e de 1990 para as mulheres. A emigração de brasileiros para os Estados Unidos caracteriza-se pelo fato de os homens terem sido os pioneiros, pois as mulheres só

começaram a emigrar para o país vários anos depois. Este fenômeno foi menos pronunciado no caso da emigração para o Canadá, onde, em geral, homens e mulheres chegaram quase ao mesmo tempo.

Os brasileiros que emigraram para esses dois países partiram de pontos bem diversos do Brasil. De modo geral, atribui-se sua origem a 17 dos 27 estados brasileiros e a mais de 130 municípios diferentes. Um exame mais detalhado da origem desses imigrantes, porém, sugere que o movimento para a América do Norte representou um fluxo migratório bem mais concentrado. Mais de 64% de todos os imigrantes partiram do Estado de Minas Gerais. O Rio de Janeiro contribuiu com 19% dos homens e 5% das mulheres. O estado com a terceira maior contribuição foi São Paulo, de onde partiram 14% das mulheres e 5% dos homens imigrantes.

No que se refere a município de origem, o exame dos dados revela que estes fluxos eram ainda mais concentrados. Mais de 17% de todos os imigrantes brasileiros nas duas amostras saíram do município de Governador Valadares, no Estado de Minas Gerais. Adicionando esta cifra às de várias outras comunidades no perímetro de 100 quilômetros de Governador Valadares, este número aumenta para mais de 20% do total nas duas amostras. Poder-se-ia supor que este resultado seja consequência de se ter trabalhado com uma amostra não-probabilística, como a que utilizamos aqui. Porém, este não é o caso. Há quase duas décadas, Governador Valadares é conhecida em todo Brasil por suas altas taxas de emigração, confirmadas nos resultados deste estudo. O mais interessante, porém, é que um número significativamente maior de imigrantes na amostra dos E.U.A. era proveniente daquela cidade mineira ($p < .05$). Sugerimos que este resultado esteja vinculado ao estabelecimen-

to de redes de migração, um ponto discutido mais adiante.

Comparados com a população do Brasil como um todo, estes imigrantes possuem grau de escolaridade relativamente alto. A média de anos de estudos formais entre homens e mulheres é de mais de 10 anos. A maioria, representando 38% do total, havia completado o terceiro ano do segundo grau. Desse total, 26% cursaram parte da universidade, enquanto 10% completaram o curso superior. É interessante observar que não há, entre as duas amostras, diferença estatisticamente significativa no que se refere aos níveis educacionais, mesmo quando controlado por sexo.

Os resultados indicam que é muito comum no fluxo de brasileiros que vão para a América do Norte a emigração de grupos familiares completos. A amostra canadense revelou que 50% dos homens brasileiros que emigraram para o país eram casados e que 69% desse grupo estavam morando em Toronto com as esposas. A proporção de mulheres casadas entre as imigrantes era mais baixa (34%), porém uma porcentagem maior delas (92%) declarou que o marido estava no Canadá. Quase 43% dos homens imigrantes que possuem filhos indicaram que pelo menos uma das suas crianças estava no Canadá. Para mulheres com filhos, esta cifra é significativamente mais alta, uma vez que mais de 66% delas declararam que pelo menos uma das suas crianças a acompanhou.

Dos homens brasileiros que emigraram para os E.U.A., 45% eram casados e mais de 60% deles estavam acompanhados das esposas. A porcentagem de mulheres imigrantes casadas é um pouco mais baixa (47%), porém 84% emigraram com o marido. Aproximadamente 50% dos homens com filhos declararam que uma ou mais das suas crianças estavam nos E.U.A. Para mulheres com filhos, esta proporção é significativamente maior, com mais de

70% indicando a presença de pelo menos um dos seus filhos nos E.U.A.

Tabulações complementares demonstram que entre os casais brasileiros que emigraram juntos, há maior probabilidade da presença de todos os filhos. Por outro lado, quando somente o marido/pai havia emigrado para a América do Norte, quase sempre todas as crianças haviam ficado no Brasil com a mãe. Estes resultados coincidem com o padrão geral encontrado na literatura sobre migração de famílias. Isto é, o homem tende a emigrar sozinho, frequentemente deixando a mulher e os filhos no país de origem, enquanto que entre as mulheres casadas que emigram, é mais comum estarem acompanhando o marido e levarem as crianças. Análises complementares revelaram que, quando um ou mais filhos permanecem no Brasil, normalmente ficam morando com algum parente.

Formas de entrada

Os obstáculos para a entrada de imigrantes nos países da América do Norte, sem dúvida, podem explicar a separação dos grupos de famílias imigrantes. Dos vistos concedidos a imigrantes brasileiros nos E.U.A., 58% dos emitidos para os homens e 77% para as mulheres eram do tipo não-imigrante, como visto anteriormente. Entretanto, 24% dos homens e 18% das mulheres brasileiras lá residentes não tinham qualquer tipo de visto. As pessoas que se encontram nesta situação entraram nos E.U.A. via México, com a ajuda de um "coiote", contratado como guia. Assim, aproximadamente 80% da amostra dos E.U.A. estavam em situação relativamente precária, alguns sem qualquer tipo de visto, outros com o visto já vencido. Além disso, embora muitos tivessem entrado legalmente como turistas, ou, até mesmo, portassem seus vistos de não-imigrantes ainda válidos,

enfrentavam a proibição explícita de trabalhar – uma restrição frequentemente ignorada. Muitos dos imigrantes que não conseguiram a documentação requerida no outono de 1990 desejavam legalizar seu status e estavam esperando o resultado de seu pedido de anistia. É por este motivo e, também, por termos prometido sigilo total aos entrevistados, que usamos neste estudo o pseudônimo de *Cidade Congelada* para designar a cidade americana onde vivem os imigrantes brasileiros incluídos na amostra.

Quase todos os imigrantes brasileiros que estão vivendo no Canadá chegaram antes de vigorar a lei de 1987, que estabeleceu a exigência de visto para a sua entrada no país, provocando, assim, o desenvolvimento de novas maneiras de se entrar no país. Por exemplo, depois da criação dessa lei, muitos foram para lá legalmente como turistas, porém permaneceram por mais tempo do que o permitido por seus vistos e começaram a trabalhar, embora isto seja expressamente proibido para portadores de visto de turista. Outras estratégias foram usadas por um pequeno grupo que, aparentemente, encontrou muitas dificuldades. Da amostra canadense, 12% declararam que foi extremamente difícil obter seus vistos e entrar legalmente no país. Muitos não tiveram a mesma sorte, sendo forçados a apelar para expedientes tais como viajar com passaporte de outra pessoa, trocar as páginas de seu passaporte com alguém que tivesse visto válido ou, simplesmente, entrar no país sem passaporte. Por exemplo, alguns imigrantes chegaram ao Canadá via Peru, México e E.U.A. Isto porque tinham um visto válido que lhes permitia voar do Brasil ao México, via Lima. De lá, voaram para Tijuana, também no México. Ali pagaram um "coiote" para servir de guia e ajudá-los a entrar nos E.U.A. Eles então voaram para umas das muitas cidades ao Norte dos E.U.A. e dali continuaram sua via-

gem até a fronteira com o Canadá. Lá chegando, usaram uma das possíveis opções existentes para atravessá-la. Alguns simplesmente transpunham as pontes internacionais que separam os dois países, outros se arriscaram na travessia de pontes ferroviárias e muitos entraram escondidos nos fundos falsos de carros ou caminhões. Aqueles que não possuíam a documentação requerida estavam extremamente preocupados com seu status legal e procuravam sempre uma maneira de tentar regularizá-lo.

Surpreendentemente, a maioria dos imigrantes que empreenderam esta longa viagem para a América do Norte fizeram-na sozinhos, como ocorreu com os 45% dos imigrantes brasileiros que vivem nos E.U.A. e 60% da amostra canadense. Do grupo americano, 15% entraram no país com a ajuda de um guia. Somente 23% do grupo americano e 21% do grupo canadense viajaram com seus parentes.

Chegando ao Canadá, os imigrantes se hospedaram com grupos de anfitriões bem ecléticos. Assim, 6% da amostra ficaram com pessoas recém-conhecidas, como, por exemplo, companheiros de voo. Outros 4% tiveram como primeiro abrigo uma igreja, uma estação de trem ou recorreram ao Exército da Salvação. Porém, a maioria dos recém-chegados hospedou-se com amigos que já moravam no Canadá (39%). Outros 20% foram recebidos por seus irmãos (12%) ou primos (7%). Mais de 52% dos imigrantes da amostra americana ficaram com amigos na chegada, o que mostra maior probabilidade de hospedagem com amigos nos E.U.A. ($p \leq .01$) do que no Canadá. Outros recém-chegados aos E.U.A. ficaram com primos (8%), amigos de amigos (7%) e irmãos (6%).

Os dados parecem demonstrar que, embora a maioria dos imigrantes tenha viajado sozinho, muitos sabiam da existência de redes sociais nas áreas de

destino, às quais tiveram acesso. Para pesquisar este dado, foi perguntado a esse grupo de entrevistados quantos parentes eles tinham morando na América do Norte. Surpreendentemente, quase 74% dos imigrantes nos E.U.A. e 55% dos que estão no Canadá revelaram que tinham no mínimo um parente vivendo lá. Da amostra americana, 21% tinham seis ou mais parentes morando nos E.U.A., enquanto no Canadá a cifra correspondente foi de 10%.

A partir dessas informações, pode-se inferir que existem dois tipos de imigrantes brasileiros na América do Norte. O primeiro grupo inclui os que se aventuram na emigração internacional sozinhos, mas têm amigos e parentes já estabelecidos nas áreas de destino. O segundo é constituído pelos que viajam sozinhos ou com amigos, mas sem acesso, na chegada, a qualquer tipo de rede social ou de parentesco. Futuras análises desses dados vão testar a hipótese de que os imigrantes com laços sociais e familiares no país de destino se adaptam melhor a seu novo ambiente (e.g., encontram trabalho com maior facilidade, ganham mais, aprendem inglês mais rapidamente).

A experiência na América do Norte

Emprego e adaptação econômica

O sucesso da permanência de qualquer imigrante depende, fundamentalmente, da sua capacidade de encontrar um emprego. Todos os 144 homens e 51 mulheres na amostra americana conseguiram trabalho. Dos 139 homens e 56 mulheres entrevistados no Canadá, somente três não trabalhavam, isto porque nenhum deles desejou ou procurou um emprego.

Um aspecto interessante que os dados pesquisados neste estudo nos permitem examinar é o intervalo entre a

chegada de um imigrante e o seu primeiro emprego. A Tabela 2 mostra que 57% dos homens brasileiros que emigraram para os E.U.A. e 47% dos que se encontram no Canadá começaram a

ção de empregos *part-time* (menos de 40 horas semanais) é menor que entre as mulheres (médias de 0.8 vs. 1.2), verificando-se entre eles maior ocupação de empregos de tempo integral. Ou

Tabela 2
Distribuição dos Imigrantes, por Sexo e País de Destino, Segundo o Número de Dias Entre a Chegada e a Obtenção do Primeiro Trabalho
Em porcentagem

Tempo	Homens		Mulheres	
	Canadá	E.U.A.	Canadá	E.U.A.
0 a 6 dias	32,1	28,1	19,6	17,9
7 a 13 dias	14,5	27,4	21,4	31,6
14 a 20 dias	18,1	11,1	12,5	17,5
21 a 30 dias	18,8	19,0	10,7	21,7
31 a 60 dias	7,2	9,4	8,9	6,6
61 a 90 dias	4,3	3,6	3,6	3,3
91 dias ou mais	5,0	1,3	23,2	1,4
Total	100,0	99,9	99,9	100,0
[N]	138	144	56	51

FONTE: Bowling Green State University – *Brazilian Immigration to Ontario, 1991 and Brazilian Immigration to the U. S., 1990.*

trabalhar menos de 13 dias após sua chegada. O tempo mínimo para os dois grupos variou entre 0 e 6 dias, com porcentagens de 28% e 32%, respectivamente, nas amostras dos E.U.A. e do Canadá. Nas duas amostras, os homens começaram a trabalhar bem antes das mulheres. Para todas as imigrantes brasileiras, o tempo mínimo necessário para encontrar um emprego variou entre 7 e 13 dias. Somente depois de 20 dias nos E.U.A., 67% de todas as brasileiras começaram a trabalhar, e, no Canadá, 63,5% encontraram emprego no mesmo período.

O número médio de empregos ocupados, por pessoa, durante a permanência dos brasileiros nos E.U.A. foi de 5,3. Quando controlado por sexo, a média entre os homens é de 4,9 empregos, enquanto a das mulheres é de apenas 2,9. Entre os homens, a taxa de ocupa-

ção de empregos *part-time* (menos de 40 horas semanais) é menor que entre as mulheres (médias de 0.8 vs. 1.2), verificando-se entre eles maior ocupação de empregos de tempo integral. Ou seja, os homens tinham 6,0 empregos de tempo integral para cada emprego *part-time*, enquanto as mulheres tinham apenas 2,2.

No Canadá, os padrões de emprego para imigrantes brasileiros são semelhantes aos encontrados nos E.U.A., registrando a média de 4,8 empregos por pessoa, um pouco inferior ao número observado naquele país. Porém, as médias de 4,7 empregos de tempo integral ocupados pelos homens e de 3,1 pelas mulheres eram quase iguais às correspondentes nos E.U.A. Também no Canadá, é maior a probabilidade de os homens ocuparem empregos de tempo integral, ao contrário das mulheres, que tendem a ocupar mais empregos do tipo *part-time*. Para os homens, a média de empregos *part-time* é de apenas 0,4, enquanto a cifra correspondente para as brasileiras é de 0,8. Além disso, entre

Tabela 3
Distribuição dos Imigrantes, por Sexo e País de Destino, Segundo a Duração de Empregos de Tempo Integral
Em porcentagem

Duração de Empregos	Homens		Mulheres	
	Canadá	E.U.A.	Canadá	E.U.A.
0 a 29 dias	4,8	5,5	7,4	4,1
30 a 59 dias	11,7	12,6	15,3	9,0
60 a 89 dias	13,5	11,0	13,6	9,7
90 a 179 dias	27,8	25,1	20,5	26,9
180 a 364 dias	20,1	25,4	19,3	22,1
365 a 729 dias	13,3	14,0	13,1	18,6
730 dias e mais	8,9	6,4	10,8	9,7
Total	100,1	100,0	100,0	100,1
[N] de empregos de tempo integral	652	706	176	145

FORNTE: Bowling Green State University – *Brazilian Immigration to Ontario, 1991 and Brazilian Immigration to the U. S., 1990.*

os homens, a proporção de empregos de tempo integral para cada emprego *part-time* é de 12,5, enquanto entre as mulheres não ultrapassa a cifra de 3,7.

Os dados da Tabela 3 mostram que a maioria dos empregos de tempo integral teve duração mínima de 90 dias. A categoria padrão de duração de empregos de tempo integral para homens brasileiros nos E.U.A. é de 180 a 365

dias, incluindo-se aí 1/4 de todas as ocupações deste tipo. A duração média dos empregos de tempo integral para as mulheres não foi muito diferente da verificada entre os homens. Para as imigrantes brasileiras nos dois países esta categoria é de 90 a 179 dias. Porém, para todos os grupos de sexo e país, a porcentagem total de empregos que duraram entre 90 e 365 dias inclui

Tabela 4
Distribuição dos Imigrantes, por Sexo e País de Destino, Segundo Faixa Salarial por Hora nos Empregos de Tempo Integral
Em porcentagem

Faixa Salarial por Hora	Homens		Mulheres	
	Canadá	E.U.A.	Canadá	E.U.A.
\$ 0.00 – \$ 3.00	1,2	5,0	8,6	2,1
\$ 3.10 – \$ 6.00	10,8	27,2	43,1	55,2
\$ 6.01 – \$ 12.00	51,0	58,4	42,5	36,4
\$ 12.01 – \$ 15.00	14,5	5,1	2,9	2,1
\$ 15.01 ou mais	22,5	4,3	2,9	4,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
[N] de empregos de tempo integral	649	705	174	143

FORNTE: Bowling Green State University – *Brazilian Immigration to Ontario, 1991 and Brazilian Immigration to the U. S., 1990.*

entre 48% e 50% de todas as ocupações de tempo integral. Estes dados parecem mostrar que, uma vez obtido um bom emprego, o imigrante procura mantê-lo. Além disso, considerando todas as categorias de imigrantes, no mínimo 40% da totalidade dos empregos de tempo integral foram ocupados por mais de seis meses. No caso das mulheres brasileiras nos E.U.A., mais de 50% dos seus empregos duraram no mínimo seis meses. Aproximadamente 10% de todos os imigrantes nos E.U.A. ocuparam as mesmas posições por mais de dois anos. Juntos, estes resultados indicam que os imigrantes representam uma força de trabalho muito estável e de confiança, podendo representar, no longo prazo, um importante recurso para seus empregadores.

A Tabela 4 ilustra os salários por hora recebidos pelos imigrantes, depois de controlar por país de residência e sexo. Para as duas amostras de homens, a categoria padrão de salário por hora situa-se entre 6,01 e 12,00 dólares por hora, incluindo-se, nesta faixa salarial, entre 51% e 58% de todos os empregos de tempo integral para homens brasileiros. O salário médio pago a mulheres em empregos de tempo

Integral varia entre 3,01 e 6,00 dólares por hora, significativamente menor que o recebido pelos homens. Mais de 55% dos empregos de tempo integral ocupados por brasileiras nos E.U.A. pagam salários nesta faixa, enquanto no Canadá a taxa correspondente é de 43%.

Na Tabela 5 é apresentada a renda mensal aproximada por país de residência e sexo, controlada por tipo de emprego (tempo integral ou *part-time*). O cálculo utilizado baseia-se no salário indicado pelo entrevistado para cada emprego, supondo-se que nele permanecesse durante um mês. Trata-se de uma estimativa conservadora, porque não inclui os salários dos empregos *part-time* ocupados por muitos dos entrevistados. Estas rendas mensais aproximadas demonstram as diferenças significativas existentes entre as rendas dos homens e as das mulheres nos dois países.

O grupo que ganhou os maiores salários no Canadá foi o dos homens, sendo que um terço deles faturou no mínimo 1.000 dólares por mês. Já nos E.U.A., a remuneração era significativamente menor e sua categoria "moda" variou de 200 a 500 dólares, enquanto 42% ganharam entre 500 e 1.000 dólares por mês. A categoria "moda" para as

Tabela 5
Distribuição dos Imigrantes, por Sexo e País de Destino, Segundo a Renda Mensal em Empregos de Tempo Integral
Em porcentagem

Renda Mensal	Homens		Mulheres	
	Canadá	E.U.A.	Canadá	E.U.A.
\$ 0 - 99.99	0,9	1,8	1,7	1,4
\$ 100 - \$ 199.99	0,8	2,7	6,3	1,4
\$ 200 - \$ 499.99	20,1	48,2	67,0	83,4
\$ 500 - \$ 999.99	45,4	42,1	20,5	10,3
\$ 1.000 ou mais	32,8	5,5	4,5	3,4
Total	100,0	100,1	100,0	99,9
[N] de empregos de tempo integral	652	706	176	145

FONTE: Bowling Green State University - *Brazilian Immigration to Ontario, 1991 and Brazilian Immigration to the U. S., 1990.*

mulheres nos E.U.A. apresentou o mesmo comportamento da masculina. No Canadá, os salários mensais das imigrantes brasileiras situaram-se bem abaixo dos recebidos por seus compatriotas. Para elas, a categoria "moda" foi de 200 a 500 dólares por mês, a mesma observada para os dois grupos de sexo nos E.U.A.

Deve-se notar, porém, que estes resultados tendem a superestimar os salários dos homens no Canadá vis-à-vis os outros trabalhadores. Primeiro, porque este foi o grupo que ocupou menos empregos do tipo *part-time*. Então, o cálculo de seus salários mensais aproximados com base em dados de empregos de tempo integral, provavelmente gera resultados bem próximos de seus salários totais. Muitas pessoas nos outros grupos complementaram suas rendas dos empregos de tempo integral com as de fontes *part-time*. Também, quando se compararam as informações relativas ao Canadá com as dos E.U.A., é importante lembrar que o dólar americano nos últimos anos tem tido valorização 10 a 20% superior à do dólar canadense, um dado que não é controlado nesse trabalho, mas que eleva a posição relativa dos imigrantes nos E.U.A.

Talvez a questão mais importante desta seção seja o que, exatamente, os brasileiros estavam fazendo neste mercado de trabalho. Somente esta pergunta já é suficiente para que se escrevam vários trabalhos, porém tentaremos, a partir de comentários gerais, indicar os empregos mais frequentemente ocupados por imigrantes brasileiros durante sua experiência na América do Norte. As seis profissões mais indicadas pelos homens brasileiros no Canadá foram as de faxineiro de empresa (17%), operário da construção civil (10%), carpinteiro (8%), *drywall* da construção (6%), sergente de pedreiro (6%), e demolidor (4%). As três profissões mais indicadas pelas mulheres brasileiras no Canadá

foram as de faxineira de empresa (36%), garçonete (15%) e babá (8%).

Nos E.U.A., as ocupações mais indicadas pelos imigrantes brasileiros foram as de faxineiro de empresa (14%), lavador de pratos (10%), jardineiro (9%), operário de construção civil (7%), carpinteiro (6%) e lavador de carros (4%). As brasileiras nos E.U.A., por sua vez, trabalharam mais frequentemente como faxineiras de empresa (23%), faxineira doméstica (14%), cozinheira (6%), babá (6%) e governanta (6%).

Ainda que estas ocupações correspondam aos estereótipos de sexo e da condição de imigrantes, acreditamos que análises longitudinais desses dados possam fornecer informações importantes sobre a mobilidade ocupacional e os salários dos imigrantes. Em outras palavras, presumimos que os imigrantes entrevistados, assim como outros que chegaram antes, continuarão a subir na escala ocupacional, à medida que adquiriram maior proficiência na língua e maior experiência profissional na América do Norte.

Adaptação social

Adaptação educacional e lingüística – Poucos imigrantes brasileiros sabiam falar inglês fluentemente ao chegarem ao Canadá. Somente um homem e uma mulher declararam que sua capacidade de falar inglês era "bom" quando emigraram. Mais de 71% dos homens e 68% das mulheres chegaram ao país sem condições de se comunicar no idioma e a maioria dos outros imigrantes o falava muito pouco.

Porém, dentro de um prazo relativamente curto, esta população demonstrou capacidade de melhorar significativamente sua habilidade com a língua inglesa. À época da entrevista, no outono de 1991, somente três homens e cinco mulheres, na maioria recém-chegados, declararam total incapacidade de

falar inglês. No outro extremo, mais de 20% de todos os homens e mulheres declararam que falam inglês "muito bem" ou "fluentemente" e a categoria "moda" de habilidade para homens e mulheres foi "bem".

Os imigrantes brasileiros nos E.U.A. não só chegaram falando significativamente menos inglês que seus compatriotas que foram para o Canadá ($p < .01$), como também falavam significativamente menos à época da entrevista ($p < .001$). Mais de 80% dos homens e 86% das mulheres chegaram aos E.U.A. sem qualquer capacidade de se comunicar em inglês! Apesar disso, no outono de 1990, este grupo já havia progredido ao ponto de somente 18% ter declarado total incapacidade de se comunicar em inglês. Porém, somente 3% indicaram que alcançaram "fluência" na língua inglesa. A categoria "moda", que declarou "alguma habilidade", representou então 35% desta amostra. A capacidade das mulheres brasileiras nos E.U.A. de falar inglês é significativamente menor que a dos conterrâneos masculinos, um resultado não observado entre os brasileiros no Canadá. Sugerimos que a ausência de progresso entre esse grupo pode ter muito a ver com as profissões ocupadas pelas brasileiras nos E.U.A. Isto porque faxineiras de empresas, faxineiras domésticas, cozinheiras, babás e governantas não têm muitas oportunidades de conviver, no trabalho, com colegas que têm o inglês como sua língua materna ou com o público em geral.

Certamente, a exposição desses imigrantes a comunidades que falam inglês nos dois países foi um fator determinante nas taxas de progresso observadas. Mas por que os imigrantes brasileiros nos E.U.A. progrediram tão pouco em relação a seus compatriotas no Canadá? Talvez o que mais tenha contribuído para os progressos linguísticos observados foi o fato de a maioria dos imigrantes brasileiros no Canadá ter

freqüentado escolas onde estudou inglês. Mais de 72% dos homens freqüentaram escolas nesse país, dos quais 85% tinham como objetivo estudar inglês. O período médio dedicado a esta atividade foi de 12 horas semanais durante mais de 30 semanas. Entre as brasileiras, somente 64% freqüentaram escolas no Canadá, talvez por terem menos tempo disponível, uma vez que também ficavam a seu cargo as responsabilidades domésticas. Entretanto, 83% das que freqüentaram escolas estudaram inglês. A média de tempo dedicado pelas brasileiras ao estudo de inglês no Canadá foi de 15 horas semanais durante 30 semanas, ou seja, até mais que os homens. Nos E.U.A., porém, somente 47% dos brasileiros freqüentaram escolas, quase todos para estudar inglês, mas durante um período mais breve e menos intensivo.

Parece-nos que os resultados observados no Canadá indicam a presença de uma população imigrante fortemente motivada e totalmente consciente da importância de aprender a língua da sociedade hospedeira para melhorar sua posição social. Estes resultados também dão sustentação à tese de que muitos imigrantes nos E.U.A. vêem sua estadia no país somente como temporária, o que os leva a considerar o tempo dedicado ao aprendizado de inglês como um investimento que rende relativamente pouco. Voltaremos a discutir este ponto mais adiante.

Cultural - Foi feita a todos os entrevistados uma série de perguntas relacionadas à sua adaptação cultural dentro da nova sociedade hospedeira. Quando perguntados se, diante de uma oportunidade de repensar sua experiência, eles considerariam a possibilidade de emigrar outra vez, mais de 96% dos imigrantes da amostra canadense disseram que emigrariam de novo para o Canadá. Quando perguntados se gostariam de ser cidadãos canadenses, 68% dos homens e 62% das mulheres res-

ponderam afirmativamente. As respostas da amostra dos E.U.A. foram um pouco menos positivas. Mais de 91% declararam que repetiriam sua experiência de emigração para este país. Porém, em forte contraste com as respostas da amostra canadense, somente 19% dos homens e 22% das mulheres manifestaram desejo de se tornar cidadãos americanos.

Estes resultados sugerem que os imigrantes brasileiros adaptam-se rapidamente à sociedade canadense. Em menor grau, poder-se-ia dizer o mesmo a respeito dos brasileiros que emigraram para os E.U.A. Porém, algumas variáveis conduzem a conclusões até certo ponto contrárias. Primeiro, quando indagados sobre a etnia da maioria dos seus amigos, mais de 84% dos brasileiros no Canadá declararam que eram outros brasileiros. Somente 6% declararam que a maioria dos seus amigos era canadense. Nos E.U.A., 90% indicaram que seus amigos eram principalmente brasileiros e 8% disseram que a maioria era americana.

Todos os imigrantes brasileiros foram indagados também sobre sua percepção de discriminação na América do Norte. Mais de 45% da amostra canadense e 51% da amostra americana disseram que em algum momento enfrentaram o que eles consideram ser discriminação. Foi feita uma lista de mais de 30 tipos diferentes de discriminação reportadas. Um fato estranho é que, no caso canadense, quase 20% declararam ter sofrido um só tipo de discriminação. Ou seja, muito brasileiros se sentiram usados, abusados ou maltratados por membros da comunidade portuguesa de Toronto. Alguns acreditam que isso tenha sido motivado pela inveja, mas a maioria acredita que os portugueses consideram-se superiores aos brasileiros por um motivo ou outro. Embora tenhamos ouvido numerosas queixas de discriminação aos brasileiros por parte da população nascida no Canadá, ouvi-

mos também pelo menos o mesmo número de comentários dizendo que "os canadenses não discriminam, são os outros imigrantes que o fazem". Nos E.U.A., a discriminação percebida pela maioria dos declarantes (22%) era devida à sua incapacidade de se comunicar fluentemente em inglês.

Aspirações futuras

Em relação às suas aspirações futuras, mais de 73% dos homens nos E.U.A. responderam que esperavam voltar eventualmente para o Brasil, enquanto 25% planejavam ficar para sempre naquele país. Quando perguntados sobre a decisão de regresso eventual, a maioria dos homens (27%) respondeu que só voltará para o Brasil assim que conseguir acumular os recursos desejados, uma vez que eram "ganhadores de alvo". Mais de 14% declararam que o principal motivo para sua volta seria o de estar novamente com seus familiares. Outros 8% indicaram que regressariam porque, além de não terem se adaptado, não gostaram dos E.U.A. Os motivos mais citados pelo grupo que pretendia ficar foram que "o Brasil é muito instável," e que "as chances de vida são melhores nos E.U.A." As respostas das mulheres eram muito parecidas, porém, com uma importante exceção, isto é, significativamente, mais mulheres ($p < 001$), 35%, indicaram que pretendiam ficar permanentemente nos E.U.A. Acreditamos que estes resultados ajudam a explicar a taxa mais reduzida de escolas para atender aos brasileiros que moram nos E.U.A. frente aos brasileiros no Canadá. Isto é, como muitos imigrantes canadenses pretendem ficar para sempre, eles estão fazendo o necessário para melhorar suas futuras oportunidades no Canadá. Por outro lado, como a maioria dos imigrantes nos E.U.A. constitui os chamados "ganhadores de alvo", seus investimentos pessoais são meno-

res em relação ao seu futuro a longo prazo na América do Norte.

A análise anterior pode ser comprovada pelos dados de que 43% dos brasileiros no Canadá afirmam que queriam permanecer naquele país, enquanto 52% revelam o desejo de regressar eventualmente ao Brasil. Portanto, significativamente mais brasileiros no Canadá ($p < 001$) esperam ficar para sempre na América do Norte, ao contrário do que ocorreu na amostra dos E.U.A. As razões para ficar eram: "as chances na vida estão melhores no Canadá" (15%) e "adaptou-se ao Canadá e nunca mais poderia se readaptar à vida no Brasil" (8%). Os homens que queriam eventualmente sair do Canadá indicaram que "faziam falta às famílias" (10%) ou que eles "voltariam para o Brasil assim que atingissem seus objetivos financeiros" (9%).

As respostas das brasileiras no Canadá eram muito parecidas com as dos brasileiros. Embora as mulheres que desejam voltar para o Brasil tenham indicado aqueles mesmos motivos, 48% queriam ficar para sempre no Canadá. Juntos, estes resultados reforçam a discussão anterior sobre a adaptação social e reafirmam a disposição e vontade dos imigrantes de fazer parte do futuro, a longo prazo, do Canadá.

Conclusões

Este trabalho apresentou um estudo de caso sociológico da recente imigração e experiências de adaptação de um novo grupo étnico na América do Norte – os brasileiros. Foram delineadas as causas desse movimento internacional e de seu crescimento, e também analisadas algumas das suas consequências pelos imigrantes.

Os resultados originais desses bancos de dados, recentemente coletados nos dois países, demonstram que, em geral, estes imigrantes têm dado

grandes passos para incorporar-se de forma positiva dentro da sociedade *mainstream* norte-americana. Também revelaram alguns contrastes bem fortes entre os dois estudos de caso examinados.

Embora as bases sócio-econômicas dos imigrantes que foram para o Canadá e para os E.U.A. sejam muito parecidas, suas intenções presentes e futuras divergiram-se. Mas, obviamente, os imigrantes nos E.U.A. foram "ganhadores de alvo". Mesmo com a perspectiva de levar 15 anos para alcançar sua meta de poupança, a maioria planejou regressar eventualmente ao Brasil, e poucos estavam interessados na possibilidade de conseguir a cidadania americana. Porém, no caso canadense, significativamente mais imigrantes pretendiam permanecer para sempre no Canadá e eventualmente conseguir a cidadania. Tal dado comprova que este grupo tem feito mais de um investimento no país hospedeiro, como demonstrado pela porcentagem de imigrantes com frequência ativa em escola para melhorar seu inglês e suas atividades profissionais.

É possível que o estudo de caso de imigrantes brasileiros na *Cidade Congelada* ainda não seja reflexo das tendências nacionais. Ou seja, é possível que haja tantos imigrantes brasileiros nos E.U.A. quanto no Canadá com o desejo de fazer, daquele país, sua residência permanente. Pode ser, também, que *Cidade Congelada* seja um caso especial, contendo uma proporção acima da média de "ganhadores de alvo" por causa das fortes vinculações dessa comunidade com várias áreas de origem no Brasil. Porém, para responder com maior precisão a essa pergunta, novos estudos com imigrantes brasileiros nos E.U.A. devem ser feitos.

Porém, no geral, acreditamos que enquanto as dificuldades econômicas do Brasil continuarem sem solução, muito mais emigrantes de todas as níveis

sócio-econômicos, especialmente da classe média, vão continuar enfrentando os riscos necessários para entrar nos E.U.A. ou Canadá à procura de novos meios para melhorar suas condições de

vida e as de suas famílias. Portanto, este estudo fornece uma linha de base que permitirá comparações com os futuros estudos desse recente, mas cada vez mais importante, movimento.

Notas

- (1) Em 1989, esta política foi modificada, numa tentativa de se evitar o acúmulo de pedidos de refugiados. A partir desse ano, a política incorporou uma nova estratégia, dividindo o processo de concessão do status de refugiado em duas etapas: na primeira, era convocada uma audiência para determinar se as reivindicações eram razoáveis. Em caso afirmativo, eram concedidos ao pretendente o direito de trabalhar no país e um número de registro no seguro social (S.I.N). Caso contrário, eram depor-
- tados. Numa segunda etapa, o pretendente era submetido a uma nova audiência, da qual resultava a decisão sobre seu pedido de status de refugiado.
- (2) Esses números foram obtidos da amostra de 5% da população dos Estados Unidos do Censo de 1980.
- (3) Na amostra dos E.U.A. foram entrevistados 144 homens e 51 mulheres e, no Canadá, 139 homens e 56 mulheres.

Referências bibliográficas

- EMPLOYMENT AND IMMIGRATION CANADA - 1990. *Annual report 1989-1990*. Ottawa, Minister of Supply and Services Canada.
- EMPLOYMENT AND IMMIGRATION CANADA - 1989. *Immigration to Canada: a statistical overview*. Ottawa, Minister of Supply and Services Canada.
- GOLDSTEIN, S. & GOLDSTEIN, A. - 1981. *Surveys of migration in developing countries: a methodological review*. Honolulu, East-West Population Institute. (East-West Population Institute, paper nº 17).
- GOZA, F. & SIMONIK, P. - 1992. Who are the Brazilian Americans? *The Brazilians*. June, p. 1-6.
- GOZA, F. & LUSE, V. - 1992. *New spice for an Old Stew: brazilians in New England*. [s.l.: s.n.]. Trabalho apresentado no Encontro Anual da North-central Association of Sociology, Fort Wayne, Indiana.
- HAKKERT, R. & GOZA, F. - 1989. "Demographic consequences of the austerity crisis in Latin America". In: CANAK, W. L. (ed.). *Lost Promises, debt, austerity, and development in Latin America*. Boulder, Westview Press.
- PAOLETTI, R. - 1987. Enclave Brasileiro. *Isto é*, nº 560, p. 58-59.
- PORTES, A. & RUMBAUT, R. - 1990. *Immigrant America: a portrait*. Berkeley: University of California Press.
- SIMMONS, A. - 1990. "New wave immigrants: origins and characteristics". In: HALLI, S. S.; TROVATO, F. & DRIEDGAR, L. (eds.). *Ethnic demography: Canadian immigrant, racial and cultural variations*. Ottawa, Ont., Carleton University Press. p. 141-159.
- THE ECONOMIST - 1991. Brazil: a survey. *The Economist*. London, 7 Dec., p. 1-22.
- U.S. Department of State. - 1991. *Report of the visa office, 1990*. Washington, D.C., Bureau of Consular Affairs.

RESUMO – A imigração brasileira para a América do Norte. *Este artigo é um estudo comparativo da imigração brasileira para o Canadá e os Estados Unidos. Suas análises, baseadas em dados recém colhidos em Toronto, Ontario, e em uma comunidade de meio porte nos E.U.A., permitem examinar as experiências de adaptação e ajuste de um novo grupo de imigrantes para a América do Norte. O artigo começa com uma discussão das origens desse novo grupo de imigrantes, e a sua rápida expansão. Em seguida, enfoca as atividades dos imigrantes no mercado de trabalho, comparando suas experiências no Canadá e nos E.U.A. A última seção examina a adaptação social na América do Norte, com uma exploração das dimensões culturais e lingüísticas. O trabalho encerra com uma avaliação das aspirações futuras desses imigrantes.*

ABSTRACT – Brazilian Immigration to North America. *This article is a comparative study of Brazilian immigration to Canada and the United States. Analyses of recently collected data, in Toronto, Ontario, as well as in a medium sized U.S. community permit this study to examine the adaptation and adjustment experiences of a new group of immigrants to North America. This article begins with a discussion of the origins of this recent immigrant group, and its rapid expansion. Next, this study focuses on the labor force activities of Brazilian immigrants and compares and contrasts their experiences in the U.S. and Canada. A final section examines social adaptation in North America by exploring linguistic and cultural dimensions. This paper closes with a section on the future aspirations of these immigrants.*

Recebido para publicação em 07/09/92

Aprovado para publicação em 29/10/92